

Histórias que só geólogos explicam

Sempre nos foi dito, recomendado, implorado que ouvíssemos: os dois lados da história. Conclusões precipitadas podem trazer consequências irreversíveis. A falta de evidências e o autopreenchimento de lacunas com o que supomos, imaginamos e queremos que seja a verdade, é perigoso demais. No entanto, queremos um desfecho. Queremos saber o certo, o errado, qual partido tomar. E poderíamos contar inúmeras histórias até entender que são nada mais que pontos de vista de pessoas: às vezes baseados em fatos, outras em boatos, ou até em fatos, manipulados. A semelhança entre a história e a geologia? Os dois vivem de passado. E se quem vive de passado é museu, podem me inaugurar hoje mesmo. Estudar uma ciência exata e, ao mesmo tempo, da terra, é fazer entrar em contradição teoria e prática. Por mais que o modelo teórico perfeito satisfaça todas as exigências, o que se enxerga pode ser desesperador e decepcionante, ou quem sabe tão diferente da expectativa que permite à mente explorar um novo caminho que, anteriormente, não se vislumbrava. Teremos sempre os fatos e criaremos quantas bases de dados forem necessárias para o estudo de uma região, um depósito mineral, uma inclusão fluida. E de vez em quando teremos que interpretar os resultados e preencher as lacunas seguindo o pensamento lógico. Isso porque a escala de tempo geológica não pode ser convertida para uma vida humana, como a história propõe. Nós vivemos o suficiente para ver guerras, pessoas amadas partindo para sempre, sonhos sendo realizados ou deixados para trás. Já os desertos não se formaram do dia para a noite, o petróleo não será repostado pela natureza em uma década, as rochas mantélicas não vão nos chamar para um café para contarem como se formaram. A geologia das coisas é um convite para a percepção. Conseguimos remontar um passado que ninguém esteve ali para aclamar ao vivo e mudamos nossa opinião com cada evidência nova. Tentamos também prever a formatação dos continentes no futuro e até a explosão da próxima supernova, mesmo que o ser humano talvez nem esteja aqui para noticiá-los. Entre o passado e o futuro, aproveitemos o presente. A serra vista pela janela ao amanhecer, deixando o sol surgir tímido. Os passeios pelas cachoeiras, cânions, falésias e tantas outras obras dos processos geológicos que para alguns são férias e, para outros, objeto de estudo. Às rochas ornamentais que escondem os segredos de suas origens enquanto andamos observando vitrines em vez de lhe dar a devida atenção: mil perdões. É que apenas quando entendermos que nossa história não é permanente, daremos o devido valor àquilo que veio antes de nós e continuará aqui por muito tempo depois que dermos nosso último suspiro.

Pseudônimo: Marco Trenti